

Um entregador de memórias ao domicílio*

Renata Flavia da Silva**

RESUMO

O artigo discute os recursos literários utilizados pelo escritor angolano José Eduardo Agualusa para reavaliar criticamente o passado do seu país e, ao mesmo tempo, propõe um novo olhar sobre dados da história que sustentam a ficção construída por ele.

O que ficou de mim nesses lugares? Quem fui?
(Agualusa, 1999, p. 268)

Em um presente em que é possível ter quase tudo entregue à porta de casa, José Eduardo Agualusa – escritor angolano, autor de vários livros, entre os quais o romance *Um estranho em Goa*, de onde se extrai a expressão que dá título a esta comunicação – oferece a seus leitores um serviço, no mínimo, inesperado: memórias em domicílio, reais ou inventadas, próprias ou alheias, críveis ou discutíveis, de um passado recente ou de um presente ainda vivido, de Angola ou de outras localidades que compõem o mundo lusófono de ontem e hoje.

Como todo entregador, Agualusa percorre caminhos nem sempre seguros. As trilhas tortuosas que levam às paisagens recém-despertadas da memória

* O texto ora apresentado é parte da Dissertação de Mestrado intitulada “José Eduardo Agualusa: as fronteiras perdidas entre a história e a ficção”.

** Mestre em Letras pela UFRJ.

são marcadas, nas narrativas que constrói, pelas “instruções” que o leitor deve observar para que a encomenda alcance seu destino. Entretanto, deve-se ressaltar que estas instruções não são passos obedientes a serem seguidos, mas um acordo entre leitor e autor para que tais narrativas sejam interpretadas e que delas possam emergir memórias verdadeiras ou não.

Esse escritor-viajante reflete em seus livros “o confuso labirinto” de seus “próprios passos”, deixando alguns traços de sua vida em sua ficção. Escritor de uma nova geração e viajante por profissão, une a pesquisa e a documentação jornalísticas à criação literária, produzindo, assim, um misto de ficção, diário, reportagem e História. Seguindo a tradição de um jornalismo que, no final do século XIX, se manifestou com vigor em Angola, José Eduardo faz da prática jornalística um recurso a mais para sua literatura que tenta transformar as visões já cristalizadas que se tem de Angola.

Como um “entregador de memórias ao domicílio”, assim definido por ele mesmo, Agualusa emancipa novos fragmentos da História, a partir dos quais reavalia o passado angolano, ao mesmo tempo em que propõe um novo caminho para o futuro do país. A “amnésia parcial” que acometeu a sociedade angolana depois da guerra deixa em aberto as páginas da História que se seguem após a Independência. Em sua errância narrativa, Agualusa recorda o passado, recupera o “uso de um corpo antigo” nas variadas paisagens dentro e fora de Angola. Essas ausências não são um exílio, são viagens onde cenas da História emergem da memória angolana.

José Eduardo afirma, simplesmente, nas palavras do narrador José, de *Um estranho em Goa*: “Escrevo porque quero saber o fim” (Agualusa, 1999, p. 13), desejo reiterado também nas páginas de outro de seus romances, *Estação das chuvas*, onde uma das personagens, uma militante das Fapla, antes de morrer, pronuncia com orgulho o próprio nome: “Quero-Ver-O-Fim” (Agualusa, 1999, p. 131). E é buscando o fim, o ponto de chegada, que Agualusa escreve, ultrapassando as fronteiras do real e do imaginário, que, por se interpenetrarem, se apresentam como um espaço híbrido e alegórico de (re)visão da História.

Neste trajeto literário, Agualusa firma com o leitor um pacto, um roteiro de viagem no qual insere pistas que norteiam a interpretação. O contrato

ficcional travado é escrito em letras miúdas, representado nas narrativas de Agualusa por referências intra ou paratextuais que exigem uma leitura atenta dos nove livros até então publicados pelo autor. Nesses as memórias de diferentes períodos, lugares e personagens vêm sendo entregues, distribuídas em meio ao universo ficcional que constrói a partir de elementos do real. Prólogos, epígrafes, notas de rodapé, poesias, cartas e discursos são atalhos ou desvios, pistas falsas ou placas de sinalização neste caminho entre o esquecimento e a memória. Personagens reais e fictícias, figuras ilustres da História, “heróis” ou “vilões” passeiam livremente entre fatos históricos (re)criados nas páginas dos romances.

Essa literatura contemporânea, construída num jogo entre a Ficção e a História, assume uma outra função, que não é somente a de reconstituir o passado, mas a de reavaliá-lo criticamente. Tais narrativas ficcionalizam formas de historicidade, dando ao leitor uma sensação de verificabilidade que faz parte do pacto literário firmado entre o autor e o leitor. O primeiro cria as ambigüidades, o segundo as tenta desvendar ao mesmo tempo em que relê nos interstícios do romance as “verdades” da História oficial.

O principal elemento dessa ficção é a reavaliação crítica do passado, não se tratando de saudosismo ou nostalgia, nem tampouco de uma simples demolição, mas de uma nova forma de ler a História na qual esta literatura se insere, pois propicia um deslocamento na maneira de pensar e escrever o passado. As memórias entregues em domicílio apresentam, então, um sabor novo criado com a mudança do prisma narrativo.

Sendo, portanto, esse tipo de romance uma tomada de consciência em relação às “verdades históricas”, uma forma de literatura, que se erige a partir dessa dimensão crítica, se torna, também, um mecanismo a mais no processo de descolonização, uma literatura de resistência contra as marcas do colonizador ainda presentes no imaginário coletivo.

Através da Literatura tem-se, assim, uma (re)escrita da História, uma modificação no discurso até então hegemônico. Fica evidente que a memória histórica fora sempre regida por uma estrutura de poder, conforme denuncia o historiador Joseph Ki-Zerbo: “cada partido ou nação enxerga o meio-dia da porta de sua casa” (1982, p.182), o que significa que cada dominador escreve

a história segundo a sua versão. Com a revisão do conceito de História, podem, enfim, ser dadas “as merecidas batatas” àqueles que não tiveram voz no processo histórico. Essa (re)visão da História auxilia na (des)construção das ilusões do outrora e na construção do universo ficcional de José Eduardo Agualusa, sendo seu labirinto textual permeado também por cenas do passado recente angolano.

Essa “nova História” ganha outra dimensão a partir do enfoque de pessoas comuns; o privado passa, assim, a servir também de matéria-prima para o relato histórico, o que anteriormente não acontecia, já que apenas as lutas pelo poder político e/ou social eram base de documentação histórica. Com isso, a temporalidade das narrativas contemporâneas transforma-se não em monumento histórico incontestável, mas num monumento de um tempo social, no qual estão incluídas todas as personagens, dominadoras e dominadas.

Este entregador de memórias opera na errância de espaços e tempos “pós-coloniais” e nos interstícios revisitados do espaço colonial, transita no vasto território da diáspora africana. O antigo bairro expandiu-se e alcança, hoje, o mundo globalizado. Esta literatura “globalizante” reúne personagens reais e fictícias, vidas comuns e heróicas, no ponto exato em que se vai além, alcançando um espaço de intervenção crítica característico dos discursos “pós-coloniais”.

Agualusa, em sua obra, está criando não só um espaço, mas uma sociedade que nele habita; construindo com aspectos do mundo real seu mundo de ficção. A sedução do caminho faz com que o leitor busque nas memórias da escrita os fatos e personagens da memória real, entretanto, as figuras reais que encontrará serão fiéis somente à “verdade” narrativa e às significações por ela propostas. A literatura não tem compromisso com a “verdade” dos fatos, nem com os atores da vida real; o passado, para a escrita do romance, é relido e não revivenciado, essa (re)leitura pode ser induzida, aceita ou questionada, ou ainda, suscitar que novas “verdades” venham à tona.

Agualusa re(escreve) um vago passado através da pesquisa e da imaginação, as memórias oferecidas em sua obra fazem parte desse espaço de rememoração e junção dos fragmentos do passado. Esse passado revisto assegura um novo sentido ao presente angolano que não o conferido pelo “passado oficial”,

o autor-entregador oferece, assim, memórias de um passado nem tão antigo e de um presente ainda quente.

As lacunas da História podem, então, ser preenchidas no suplemento da escrita, pois não se trata de um contraponto, e sim, de uma outra interpretação. As pesquisas documentais que permeiam a obra de José Eduardo Agualusa não serviram apenas de base para composição de seus enredos: é uma nova História que se constrói a partir de novas articulações dos significantes da nação, virtude de uma escrita que a (re)escreve não mais com um olhar fiel ao discurso histórico oficial, mas comprometida com um olhar ficcional que tangencia e reinventa a construção desta nova nação.

As narrativas de José Eduardo Agualusa não celebram as figuras históricas nem pretendem uma “volta às origens” do passado africano, tal como grande parte da literatura produzida logo após 1975. Essa rememoração, marcada ideologicamente, não é a intenção deste jovem autor, pois, na sua visão, já não é possível separar os “passados” que habitam o outrora angolano. Sua ação de “investiga(r) um tempo passado e usa(r) a ficção como elemento perturbador do convencional, de modo a fazer surgirem aspectos inusitados do real” (Silva, 1989, p.105), é reflexo de um certo desajuste institucional após a Independência, traço comum às literaturas de países que passaram pelas experiências do autoritarismo e da opressão como as impostas pelo colonialismo.

“Os desejos agora são recordações” (Calvino, 1990, p.12), a utopia revolucionária é fragmento de uma memória passada. Infelizmente, a ficção que assume ares de “verdade” traz também amargas revelações. As memórias que vêm preencher as lacunas desta História recente de Angola podem ser tão cruéis quanto aquelas apagadas, não pelo tempo, mas pela dor.

Se noutro momento o que valia era o coletivo, o cantar da guerra, a Literatura Angolana hoje volta-se ao real das vidas individuais e comuns. As vidas apresentadas neste cenário “pós-colonial” são existências fronteiriças, encontram-se perdidas no dentro e fora do país, no ontem e no hoje de Angola: “Há urgência naquilo que eles escrevem. (...) Escrevem porque precisam de saber quem são” (Agualusa, 1999, p. 238). Talvez esta seja a trilha mais difícil de ser percorrida e também a das mais importantes para o autor, descobrir-se, sujeito, no meio desta situação.

Essa trilha que leva ao além das fronteiras conhecidas de tempo, espaço e identidade é traduzida, em uma de suas variadas formas, por “pós-colonialismo”; contudo, destaca-se que o uso do termo “pós” não é, aqui, relacionado à sequencialidade nem à polaridade, não é nem continuação nem oposição, e, sim, relacionado à transformação do “presente em um lugar expandido e ex-cêntrico de experiência e aquisição do poder (Bhabha, 1998, p. 23), onde todas as visões, de dentro ou de fora, são válidas para que as vozes silenciadas pelo colonialismo tomem seu lugar e que novas memórias possam emergir desta História (re)criada através da ficção.

A dispersão espacial das narrativas de Agualusa, já que este entregador não mede distâncias para que suas memórias alcancem seus leitores, não é gratuita, ela traduz o espaço transnacional do “pós-colonialismo”. As variadas partes do globo que se entrecruzam nas páginas do romance alegorizam as várias peças do mosaico que formam o presente de Angola.

A reconstrução do passado feita pelo resgate de outras memórias que, talvez, não aquelas vividas de fato mas as revividas na ficção é um dos serviços oferecidos pela literatura angolana contemporânea, literatura “pós” porque vai além de seus limites ficcionais para vislumbrar novas nuances no cenário Histórico conhecido. Os diferentes espaços revisitados por esta memória literária, e a conseqüente recuperação desse corpo antigo vistos pelo olhar da contemporaneidade, atualizam, em forma de ficção a História de Angola. Um entregador de memórias ao domicílio entrega memórias recém-despertadas do passado angolano para que um novo presente se concretize no espaço da literatura, lugar de memória e de revitalização.

Reparei que enquanto me contava essas coisas a voz dele ia ficando tensa e o sotaque angolano, até então quase imperceptível, se tornava nítido. Era como se, à medida que mergulhava no passado, fosse recuperando o uso de um corpo antigo. (Agualusa, 2000, p. 100)

RÉSUMÉ

Cet article analyse les ressources littéraires employées par l'écrivain angolais José Eduardo Agualusa pour évaluer critiquelement le passé de son pays. En même temps, le texte propose un nouveau regard sur les données historiques qui soutiennent la fiction construite par l'auteur.

Referências bibliográficas

- AGUALUSA, José Eduardo. *Estação das chuvas*. 4. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1999.
- AGUALUSA, José Eduardo. *Um estranho em Goa*. Lisboa: Dom Quixote, 2000b.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- KI-ZERBO, Joseph (Coord.). *História geral da África*. Metodologia e pré-história da África. São Paulo/Paris: Ática/Unesco, 1982, v. 1.
- SILVA, Renata Flavia da. *José Eduardo Agualusa: as fronteiras perdidas entre a História e a ficção*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2º semestre de 2002. 124p. mimeo. (Dissertação, Mestrado em Literatura Portuguesa).
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. *José Saramago. Entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.